

EM MEMÓRIA DE CHARLES R. BOXER

engenheiro-mor do Reino (1586), cosmógrafo-mor do Reino (1591) e cronista-mor do Reino (1618). Organizou o quarto volume das *Décadas da Ásia*, deixado inacabado por João de Barros, que foi publicado em Madrid em 1615.

56 Charles R. Boxer, *João de Barros: Humanista Português...*, p. 113.

57 *Ibidem*, p. 113.

58 Frei Mariano Azaro era um carmelita descalço, constando os seus comentários de uma carta escrita em Lisboa em 9 de Outubro de 1583.

59 Charles R. Boxer, *João de Barros: Humanista Português...*, p. 128.

60 *Ibidem*, p. 121.

61 *Ibidem*, p. 27.

62 *Década III*, Livro 3, cap. 1.

63 Charles R. Boxer, *João de Barros: Humanista Português...*, pp. 33-34.

64 Facto assinalado por Marques Braga na edição de *Crónica do Imperador Clarimundo*, em 3 volumes, Lisboa, Sá da Costa, 1953.

65 Obra da autoria do castelhano Gonzalo Fernandez de Oviedo e Valdéz, publicada em Valência, em 1519.

66 Charles R. Boxer, *João de Barros: Humanista Português...*, p. 99.

67 *Ibidem*, p. 86.

68 *Ibidem*, p. 87.

69 *Ibidem*, p. 118.

70 *Ibidem*, p. 121.

71 Entre estes Frei Mariano Azaro.

72 Charles R. Boxer, *João de Barros: Humanista Português...*, p. 139.

73 *Ibidem*, pp. 137-139.

74 *Ibidem*, p. 36.

75 Charles R. Boxer, *João de Barros: Humanista Português...*p. 89.

76 Boxer sustenta esta tese constante dos estudos do Professor Hernâni Cidade, que, na sua obra *Portugal Histórico Cultural*, (Lisboa, Editora Arcádia, 1968), afirma, na página 141, que João de Barros deu um contributo tão importante para o aperfeiçoamento da língua portuguesa que sem isso o português não seria a mesma língua.

77 Fernão Lopes de Castanheda escreveu, na primeira metade do século XVI, sobre a presença portuguesa na Ásia. A sua *História do Descobrimento e Conquista da Índia pelos Portugueses* é a primeira crónica da Expansão a ser impressa. Segundo escreve João de Barros, no prólogo da *Primeira Década da Ásia*, tanto D. Manuel como D. João III tinham enviado missivas a D. Francisco de Almeida, primeiro vice-rei da Índia, a Afonso de Albuquerque que lhe sucedera, e a Nuno da Cunha, solicitando que lhe fossem enviadas informações minuciosas sobre o que acontecia no Oriente de forma a se poder escrever a História da Expansão Portuguesa.

78 Charles R. Boxer, *João de Barros: Humanista Português...*p. 123.

79 *Ibidem*, p. 132.

80 *Ibidem*, p. 90.

IN MEMORY OF CHARLES R. BOXER

Cenários da China em Casas Portuguesas

A Propósito do Papel de Parede: Tratos, Rotas e Destinos

CRISTINA COSTA GOMES*, ISABEL MURTA PINA**

CHARLES BOXER: MERCADORES E MERCADORIAS EM CENÁRIOS ASIÁTICOS

A figura e a obra pioneira de Charles Boxer constituem ainda hoje marcos de referência nos estudos sobre Macau e sobre a presença dos portugueses na Ásia. Na sua vasta e multifacetada produção bibliográfica, o autor traça-nos fascinantes retratos deste mundo

de negociantes e de negócios nos litorais da Ásia, envolvendo portugueses, outros europeus, chineses, japoneses, indianos, malaios, javaneses e outros asiáticos, além de africanos e colocando em articulação os portos da Ásia Oriental, da Ásia do Sueste, da Ásia do Sul, da África Oriental, do Brasil e da Europa. Através de estudos como *Fidalgos no Extremo Oriente, 1550-1770. Factos e Lendas de Macau Antigo*,¹ *O Grande Navio de Amacau*,² *Francisco Vieira de Figueiredo: A Portuguese Merchant-Adventurer in South East Asia, 1624-1667*,³ “The Rise and Fall of Nicholas Iquan,”⁴ ou “The Carreira da Índia (Ships, Men, Cargoes, Voyages)”⁵ entramos na pulsante circulação de cultura material em vários sentidos, em diferentes dimensões e em múltiplas escalas.

Numa homenagem ao trabalho de Charles Boxer, este artigo abordará o caso de um dos produtos, até há pouco tempo insuficientemente explorado, que surge arrolado nas listas de cargas das naus da Carreira da Índia a partir do século XVIII: o papel de parede chinês. Mercadoria de luxo, de carácter efémero e frágil, com um enorme impacto visual, permitiu criar verdadeiros cenários exóticos da China em casas portuguesas.

MEMÓRIAS ESCRITAS DE PAPÉIS DA CHINA

A prática de revestir as paredes com papel foi, ao que tudo indica, pouco comum na China, embora um escasso número de registos documentais, permitam atestar esta utilização. Efectivamente, desde o século XVII, alguns relatos redigidos por europeus confirmam a aplicação de papel nas paredes das casas chinesas, mesmo sendo essa uma opção decorativa invulgar.

* * Doutorada em História Moderna pela Universidade de Lisboa. Directora da Biblioteca do Centro Científico e Cultural de Macau (Lisboa) e investigadora do Centro de Estudos Clássicos (Universidade de Lisboa), é ainda Paleógrafa e Professora na Escola Superior de Artes Decorativas. Tem publicado diversos artigos e livros, entre os quais: *Diogo de Sá no Renascimento Português* (Lisboa: CEC/FLUL, 2012); *Comentários de la Embaxada al Rey Xa Abbas de Persia (1614-1624) de Don García de Silva y Figueroa*, Vols. I e II (co-edição com Rui Manuel Loureiro e Vasco Resende; Lisboa: CHAM, 2011) e *Tomás Pereira. Obras* (como co-autora; Lisboa: CCCM, 2011).

Ph.D. from the University of Lisbon. She is the Director of the Library of the Macau Scientific and Cultural Centre (Lisbon) and researcher at the Classical Studies Centre (University of Lisbon). A well-known Paleographer, she teaches at Escola Superior de Artes Decorativas in Lisbon. She has published several articles and books, such as Diogo de Sá no Renascimento Português (Lisbon: CEC/FLUL, 2012); Comentários de la Embaxada al Rey Xa Abbas de Persia (1614-1624) de Don García de Silva y Figueroa, Vols. I and II (as co-editor with Rui Manuel Loureiro e Vasco Resende; Lisbon: CHAM, 2011) and Tomás Pereira. Obras (as co-author; Lisbon: CCCM, 2011).

** Doutorada em História pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, é investigadora no Centro Científico e Cultural de Macau. Foi docente no Instituto de Estudos Orientais da Universidade Católica Portuguesa, entre 2006 e 2011, e posteriormente na licenciatura de Estudos Asiáticos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. É autora dos livros *Jesuitas Chineses e Mestiços da Missão da China (1589-1689)* (Lisboa: CCCM, 2011) e *Os Jesuitas em Nanquim, 1599-1633* (Lisboa: CCCM, 2008). É ainda uma das autoras de *Tomás Pereira. Obras* (Lisboa: CCCM, 2011).

Ph.D. in History from the the Faculty of Social and Human Sciences of Lisbon's Universidade Nova, she is a researcher at the Macau Scientific and Cultural Centre. She lectured at the Institute of Oriental Studies of the Catholic University of Portugal and at the Asian Studies Course at the University of Lisbon. She has published the books Jesuitas Chineses e Mestiços da Missão da China, 1589-1689 (Lisbon: CCCM, 2011) and Os Jesuitas em Nanquim, 1599-1633 (Lisbon: CCCM, 2008). She is also co-author of Tomás Pereira. Obras (Lisbon: CCCM, 2011).

EM MEMÓRIA DE CHARLES R. BOXER

IN MEMORY OF CHARLES R. BOXER

Um dos casos mais antigos com que nos deparámos foi o testemunhado pelo jesuíta português Gabriel de Magalhães (1610-1677) que, na segunda metade da década de 1660, ao mencionar uma sala, existente na antiga residência jesuíta de Pequim (Xitang 西塘), chamada “Hiu K’i t’am”, que traduzia por “sala de esperar e observar as exalações e ares da primavera”, dizia terem sido forrados “a custa do Rey o tecto e as 4 paredes da sala de taboas” e depois “coberto de grosso e bem pegado papel”.⁶

Também o jesuíta francês Louis Le Comte (1655-1728) ao reportar, na década de 1690, a utilização de seda nas paredes de casas abastadas chinesas, acrescentava que outros optavam por branquear as divisões, colando papel nas paredes. Além de papel branco, testemunhos posteriores, como o de Lord Macartney (1737-1806), o embaixador britânico ao imperador Qianlong (1711-1799), em 1793-1794, dão-nos ainda pistas sobre a aplicação de papel dourado e carmesim.⁷

Se o papel de parede, usado na Europa desde o século XVI, era um recurso pouco enraizado na tradição chinesa, o mesmo não se pode dizer do papel colado em janelas. Embora na generalidade do território chinês esse papel não fosse decorado, no Sul, mais especificamente nas cidades portuárias de Cantão/Guangzhou e Macau, teve a particularidade de o ser.⁸

Igualmente pintados, com diferentes motivos, encontramos os papéis aplicados em biombos que, como descrevia outro jesuíta da China, o português Álvaro Semedo (1585-1658), em 1642, as “*outras aves que vemos pintadas en sus biombos, i otros adornos que llegan a Europa, sin duda ay las más dellas, puesto que siempre el arte favorezca, o altere en algo a la Naturaleza*”.⁹ Este tema, note-se, é precisamente o mais representado nos papéis de parede, como adiante veremos.

Os papéis decorados e aplicados em janelas e biombos, admirados pelos europeus, nomeadamente em Cantão e em Macau, poderão ter sido fonte de inspiração e modelo na produção chinesa de papéis de parede, especificamente destinada ao mercado europeu, e que no século XVIII era transacionado nas feiras de Cantão.¹⁰

A chegada à Europa de uma significativa quantidade de papel de parede por via da *East India Company* britânica é um facto devidamente comprovado, quer pelos inúmeros exemplares ainda sobreviventes,¹¹ quer pelas referências documentais.¹²

Já a via portuguesa, da Carreira da Índia, com a sua articulação a Macau e aos portos brasileiros, tem sido completamente ignorada no que diz respeito a este produto de luxo.¹³ Apesar disso, várias listas de cargas desses navios portugueses, datadas da segunda metade século XVIII, comprovam inequivocamente a existência de muito papel pintado proveniente da China.¹⁴ Sem que seja identificada a sua finalidade, encontramos, porém, referências como, por exemplo, “dois rolos de papel pintados” (1770);¹⁵ “seis papéis pintados de charão pequenos” (1780);¹⁶ “caixas com papéis pintados” (1782);¹⁷ ou, simplesmente, “papéis pintados” (1785 e 1787).¹⁸

O mesmo género de alusões figura em alguns inventários de bens *post-mortem*, nomeadamente no de Alexandre Metelo de Sousa e Menezes (1687-1766),¹⁹ o antigo embaixador do rei D. João V ao imperador Yongzheng (1725-1728).²⁰ Nesse documento, de 1766-1768, são assinalados “Sete painéis em papel da China dous deles encarnados mais estreitos”²¹ e “Seis molduras ao alto, de papel da China”.²² Mas outros inventários testemunham a posse de papéis chineses por parte de gente endinheirada, como são os casos de Joaquim da Costa Quintela, de 1800 e de José da Cruz de Miranda, de 1802. O primeiro foi proprietário de “tres painéis chinezes com bastante uzo”²³ e o segundo de “quatorze painéis pintados em papel da Xina pintura de flores”.²⁴

Destaca-se, pela riqueza e precisão de detalhe, o inventário de bens de António Joaquim de Pina Manique (1742-1794), irmão mais novo do intendente de D. Maria I, Diogo Inácio de Pina Manique (1733-1805), e ele próprio visitador do ouro dos navios vindos da América e desembargador dos agravos e superintendente geral dos contrabandos e descaminhos dos reais direitos.²⁵ No seu inventário, datado de 1796, sucedem-se oito referências a papéis ou painéis de papel da China,²⁶ alguns “com figuras”,²⁷ outros “pintados de flores e pasaros”, as duas tipologias de papel de parede da China com exemplares sobreviventes em Portugal.²⁸

APLICAÇÃO DO PAPEL E SUAS TIPOLOGIAS: TÓPICOS DE ABORDAGEM

Os papéis de parede provenientes da China tornaram-se uma moda que se generalizou um pouco por toda a Europa, durante os séculos XVIII e XIX.²⁹ Assim o confirmam os vários conjuntos encontrados

desde Portugal até à Rússia, sendo sobretudo conhecidos casos na Grã-Bretanha, França e Itália.

No continente americano, destacam-se os Estados Unidos.³⁰ No entanto, tendo o Brasil para o século XVIII alguns portos de escala das embarcações da Carreira da Índia, onde eram comercializadas várias mercadorias oriundas da China, podemos aventar a hipótese de também aí ter ficado algum papel pintado, nomeadamente para revestir paredes de casas de famílias abastadas.

O papel que da China chegava à Europa era, pelo menos no caso inglês,³¹ maioritariamente transportado em rolos, que depois eram cortados para se adaptarem aos espaços onde eram aplicados, regra geral relativamente pequenos, tais como quartos de dormir, quartos de vestir, ou salas. Em Portugal, todos os conjuntos de papel encontrados, até ao momento, decoraram exclusivamente salas.

Material delicado e de difícil preservação, o papel exigia cuidados redobrados na sua aplicação, que envolvia o revestimento prévio das paredes com uma tela grosseira de linho ou de outro tipo de papel, a que eram fixados os papéis chineses, com recurso a cola de amido. Este processo, que evitava o contacto directo do papel com a parede, contribuía para a preservação do mesmo (deixando-o menos exposto, por exemplo, a factores externos de degradação, tais como humidades) e facilitava, por outro lado, a remoção desta arte decorativa, dispendiosa, mas que, como todas as outras, estava sujeita a alterações dos padrões de gosto.

Estes papéis eram sobretudo pintados à mão, embora alguns deles partissem de uma base inicial com contornos impressos.

Quanto à sua temática decorativa, podemos identificar três tipologias:

1. Papéis figurativos, com paisagens e pessoas envolvidas em actividades agrícolas, como o cultivo de arroz, ou a participarem noutras actividades, como a produção de seda e de porcelana, sobretudo baseados em conjuntos de imagens comemorativas.³² Esta constitui uma tipologia mais rara e aparentemente mais cara de papel.³³

2. Papéis com árvores e outras plantas floridas, aves, insectos e rochas. Trata-se da tipologia mais comum,³⁴ em que os conjuntos mais antigos tendem a ser mais próximos do estilo tradicional chinês de pintura, enquanto os exemplos mais tardios revelam uma maior estilização decorativa. Representações

idealizadas de jardins, estes papéis são por norma totalmente pintados à mão.³⁵

3. Papéis com combinação de figuras e árvores, dos quais não detectámos ainda nenhum exemplar no caso português.

CENÁRIOS CHINESES EM PAREDES PORTUGUESAS: OS CONJUNTOS

Em Portugal, sobreviveram poucos vestígios de papel de parede chinês. Com efeito, o levantamento que realizámos apenas nos permitiu assinalar cinco conjuntos, sendo que de um destes já não resta senão uma mera memória.

TIPOLOGIA DE PAPÉIS FIGURATIVOS

1. Palácio Pombal, Oeiras

Do papel que forrou as paredes da “Sala Chinesa” ou Salão Nobre do Palácio Pombal, em Oeiras,³⁶ apenas nos chegou um pequeno registo escrito, da autoria de Francisco Ildefonso dos Santos, integrado na sua colecção de memórias sobre Oeiras, redigidas ao longo de alguns anos até à sua morte em 1866. Aí o autor descrevia alguns pormenores da referida “Sala Chinesa”, a qual dizia ser “toda ao gosto oriental, na mobília, e no mesmo papel que forra as paredes della, no qual se mostra em boa pintura o grande estado que precede o Imperador da China, quando sahe em publico...”.³⁷

A datação deste conjunto remete para um intervalo de tempo entre a segunda metade do século XVIII, especialmente a partir de 1759, ano em que Sebastião José de Carvalho e Melo, ao receber o título de conde de Oeiras, intensificou as obras de ampliação do palácio, e o já indicado ano de 1866, em que as memórias foram interrompidas. No entanto, saliente-se que as principais obras de engrandecimento decorativo da propriedade foram realizadas até 1777, ano em que o marquês de Pombal foi afastado do cargo de ministro. Note-se que a *Relação Fiel e Exacta* de uma visita de D. Maria I ao Palácio, no dia 10 de Agosto de 1783, escrita pelo morgado João de Saldanha e Oliveira, permite pensar que a sala já teria, nessa data, o seu programa decorativo terminado, com os papéis aplicados. Conforme asseverava o morgado, fora grande o deleite dos membros da família real, os quais “entrando na Casa ou grande sala chinesa tiveram

EM MEMÓRIA DE CHARLES R. BOXER

o prazer e gosto sensível, gostando muito dela, e do seu ornato lembrou-se a Rainha de que seus Pais ali haviam estado...”,³⁸ provavelmente nos verões de 1775 ou 1776.³⁹

Por não terem sobrevivido vestígios materiais deste papel, é impossível confirmar se estamos perante um conjunto efectivamente de origem chinesa, como os quatro outros inventariados, ou se se trata antes de produção europeia com decoração ao gosto chinês.

2. Paço Episcopal de Lamego (Museu)

No antigo Paço Episcopal de Lamego, actual Museu, existiu igualmente uma “Sala Chinesa”, cujas paredes foram revestidas com treze painéis de papel chinês, dos quais ainda se conservam marcas.⁴⁰

Os papéis, de tipologia figurativa, foram retirados, no final da década de 1990, para serem intervencionados no Instituto José de Figueiredo, de onde só recentemente regressaram.⁴¹ Foi este mesmo

“Sala Chinesa”: painéis antes de terem sido retirados para restauro. Paço Episcopal de Lamego (Museu).



Cena de cultivo de arroz. Paço Episcopal de Lamego (Museu).

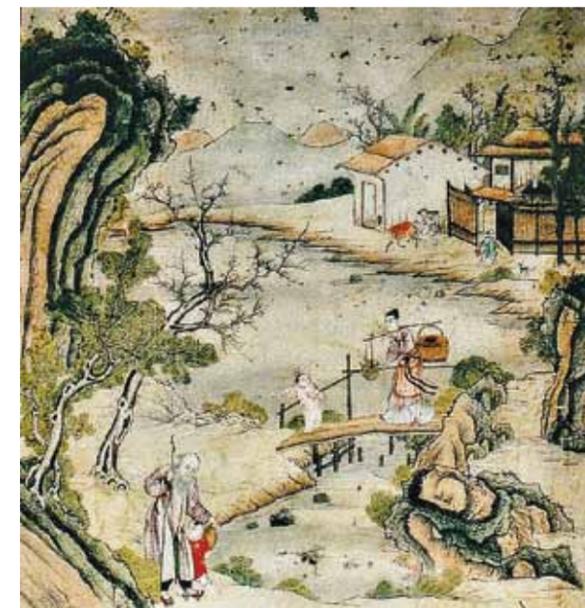
instituto que certificou a sua origem chinesa e que procedeu à sua datação, situando cronologicamente este conjunto entre os finais do século XVIII e os inícios do século seguinte.

Este intervalo de tempo permite equacionar dois possíveis encomendadores entre os bispos de Lamego: D. Manuel de Vasconcelos Pereira, que exerceu o seu pontificado entre 1773 e 1786; e o seu sucessor, D. João António Binet Pinço, bispo entre 1786 e 1821. Note-se, porém, o papel desempenhado pelo primeiro ao nível da reconstrução e decoração deste Paço Episcopal, a que acresce o seu comprovado interesse pela Ásia, nomeadamente pelas artes decorativas chinesas, perfeitamente reflectido num inventário de bens inédito, conservado na Biblioteca Nacional de Portugal.⁴² No entanto, nenhuma referência aos papéis se encontra neste documento, a exemplo do que sucede com a documentação do Fundo do *Bispado de Lamego*, consultada na Torre do Tombo.⁴³

O conjunto de papéis de parede chineses do Paço Episcopal de Lamego é composto por duas séries, de seis painéis cada, a que se acrescenta um painel isolado.

Sendo o único conjunto sobrevivente que se insere na primeira das tipologias apresentadas, de papel figurativo com pessoas e paisagem, é precisamente um exemplo de cenas de cultivo de arroz. Este tema surge representado nas duas séries de desenhos repetidos e que apenas diferem nas cores utilizadas, por exemplo nas roupas, e na representação da vegetação, que tanto surge sem folhas e flores como com elas, sugerindo a renovação que marca a passagem entre o Inverno e a Primavera.

Nestas cenas características do sul da China, o eixo económico e cultural do país na dinastia Qing (1644 a 1911), observam-se agricultores a trabalharem nos arrozais, com a presença do tradicional búfalo de água; embarcações típicas do sul da China, onde tantos chineses habitavam; casas também desta região, assentes em estacaria; lojas, vendedores ambulantes, aparentemente de comida e de seda; mandarins com chapéus ao modo da dinastia Qing; letrados que viajam nos seus cavalos, com os criados a carregarem livros; chineses Han, com a trança imposta pela dinastia manchú em 1645, em sinal de submissão; um velho de longas barbas, a caminhar com a ajuda de um cajado, acompanhado de um menino, provavelmente um sábio taoísta, ou mesmo o Deus da longevidade, Shou-lao 寿老, com o seu crânio proeminente e os outros atributos referidos; meninos que brincam, um tema popular nas artes decorativas chinesas, sobretudo durante as dinastias Ming e Qing, símbolo do desejo chinês de prole abundante; meninos que estudam; registos de delicadeza feminina; ou uma cena de chá.



Pormenor. Paço Episcopal de Lamego (Museu).

Estes papéis partem de uma base com contornos impressos, único exemplar conhecido para o caso português, que depois foi pintada à mão por artífices, com aguadas, tendo sido também identificados, no Instituto José de Figueiredo, alguns corantes e pigmentos. Como igualmente se verificou neste



Programa decorativo contínuo (painéis antes de serem restaurados). Paço Episcopal de Lamego (Museu).

Instituto, os painéis, apesar de terem sido emoldurados e separados entre si, poderiam ter sido aplicados todos juntos, porque as figuras apresentam um programa decorativo contínuo. Esta poderá ter sido a solução encontrada para responder à falta de papel para revestir a totalidade das paredes da sala, uma forma de diminuir custos, ou uma simples opção decorativa, como indiciam os inventários de bens *post-mortem* referidos, onde frequentemente surgem registados papéis chineses emoldurados.

Ter-se-á decidido, assim, colocar os papéis em molduras douradas, separadas por faixas de seda vermelha, e rodeadas por pintura marmoreada azul.

TIPOLOGIA DE ÁRVORES FLORIDAS, PÁSSAROS, INSECTOS E ROCHAS

Se os dois exemplares já abordados se inserem na chamada tipologia de figuras e paisagens, os outros três que falta mencionar, existentes em três pequenas salas do antigo Paço de Maiorca, da Quinta da Francelha de Cima e da Casa da Ínsua pertencem à tipologia de árvores floridas, pássaros, insectos e rochas, bastante mais usual. Nestes três casos, os papéis foram exclusivamente pintados à mão, como era a regra nesta tipologia.

3. Quinta da Francelha de Cima, Prior Velho (Loures)⁴⁴

Na Quinta da Francelha de Cima, no Prior Velho (Loures), surge, na chamada “Sala dos Pássaros”, um destes conjuntos de papel chinês.

IN MEMORY OF CHARLES R. BOXER

Esta sala, tal como as outras Salas Chinesas ainda existentes, apresenta dimensões relativamente reduzidas⁴⁵ e integra-se numa das duas alas desta casa, datada da segunda metade do século XVIII.⁴⁶ Situada no primeiro piso, logo no cimo da escadaria, a sala constitui-se como um espaço de entrada na residência, que dá acesso simultaneamente a outras duas salas maiores.

A “Sala dos Pássaros” encontra-se integralmente forrada com papel,⁴⁷ à excepção de um lambrim em *tromp l’oeil*, simulando balaústres, que criam a ilusão de um balcão, de onde se pode contemplar a natureza, que se abre diante do observador.

Este é um dos dois casos registados até ao momento, em Portugal, em que o papel se encontra *in situ*, permitindo ter a percepção do extraordinário impacto visual que estes conjuntos produziam.

No que diz respeito à datação do papel, tudo indica que seja coevo da construção da ala da casa em que se encontra, ou seja, da segunda metade do século

XVIII. Uma equipa de investigadores do Centro de Física Atómica da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, que procedeu a uma análise exaustiva dos pigmentos presentes nas pinturas, confirmou esta datação,⁴⁸ atestando igualmente a origem chinesa do papel, com base na identificação das fibras que o constituem (bambu e cânhamo).⁴⁹

O provável encomendador destes papéis foi Félix Martins da Costa (m. 6/9/1827),⁵⁰ um rico homem de negócios da praça de Lisboa, envolvido no comércio de açúcar, algodão, arroz, couros secos, entre outros produtos, e proprietário de alguns navios que estabeleciam a ligação ao Brasil,⁵¹ nomeadamente à Baía, um importante porto de escala de mercadorias asiáticas, trazidas pelas naus da Carreira da Índia.⁵² Foi precisamente este comerciante que mandou edificar e decorar a ala da casa em que os papéis se encontram.⁵³

Nas duas margens de um curso de água, abre-se todo um cenário de jardim chinês idealizado, carregado de exotismo, de movimento e de harmonia, composto

Pormenor: casal de aves e borboletas. Quinta da Francelha, Prior Velho (Loures).



EM MEMÓRIA DE CHARLES R. BOXER

por diferentes árvores e vegetação, flores, rochas, aves de múltiplas espécies e insectos.

No universo das aves, catatuas, papagaios, patos, faisões, corvos e pegas surgem-nos aos pares, simbolizando a harmonia conjugal, um princípio fundamental na cultura chinesa.⁵⁴ Estas aves conferem ainda todo um dinamismo ao cenário, sugerido tanto pelo seu voo livre, símbolo de liberdade, como pelo seu olhar atento, em direcções múltiplas, muitas vezes de cabeça virada para trás, ou ainda pela sua posição, preparando-se para pousar, comer ou espregueirar.

Quanto aos insectos, observam-se inúmeras libelinhas e borboletas, representando as últimas o amor jovem ou a ligação inquebrantável entre os amantes.

As flores, de diferentes cores, embelezam este jardim exótico e reforçam a imagem de harmonia, equilíbrio, felicidade e amor. A peónia, tida como uma das mais requintadas e delicadas flores, associada à Primavera, à beleza feminina, à reprodução, à nobreza moral e à dignidade, povoa este jardim e transmite-nos a ideia de paz, quando se encontra totalmente aberta. A flor de lótus reflecte uma dimensão de pureza e de perfeição. Surgem ainda os crisântemos, que atraem a boa sorte, e as flores de cerejeira, também associadas ao amor. Entre as árvores de fruto sobressaem as

Pormenor: Peónia. Quinta da Francelha, Prior Velho (Loures).



romãzeiras, numa alusão clara à reprodução e à longevidade, e a ameixoeira, uma das primeiras árvores a brotar no final do Inverno, que faz desta o arauto da Primavera, que se anuncia.

Se com os painéis de Lamego temos um caso de papel restaurado, na Francelha estamos diante de um dos dois conjuntos conhecidos que permanecem ainda no seu local de origem. Apesar disso, estes papéis de parede reclamam uma intervenção urgente. Ao longo do tempo, foram sofrendo pequenos restauros, mas as marcas de degradação, causadas por humidades e infiltrações, são já demasiadamente evidentes e impõem uma acção a muito curto prazo, sob risco de se perder este património.

4. Paço de Maiorca, Maiorca (Figueira da Foz)

O antigo Paço de Maiorca, situado na freguesia do mesmo nome, a poucos quilómetros da Figueira da Foz, actualmente na posse desta Câmara Municipal, foi na sua origem pertença dos viscondes de Maiorca. Neste edifício, que conheceu várias fases de construção, uma das quais no século XVIII, existe uma sala cujas paredes estiveram revestidas, até há poucos anos, com papéis chineses, provavelmente datados da segunda metade do século XVIII, nos quais predominam árvores entrelaçadas e floridas, flores, pássaros, insectos e rochas, à semelhança do conjunto anterior.

Em Maiorca, os papéis eram, porém, rematados por um lambrim de azulejos, uma solução tipicamente portuguesa que, como na Francelha, simulava um balcão para observação de um jardim chinês.

Há algum tempo, este conjunto foi avaliado e retirado pela Secção de Conservação e Restauro da Fundação Ricardo do Espírito Santo Silva, para se analisar a possibilidade de ser intervencionado. Aí permanece, aguardando apoio mecenático que permita a recuperação deste património, num preocupante estado de conservação.

Foi através desta secção que tivemos conhecimento de uma anterior acção não qualificada que, pretendendo preservar os papéis, lhes provocou antes graves danos, alguns dos quais irreversíveis. Nessa altura, os papéis foram removidos da parede e fixados em contraplacados de madeira, com cola de contacto, tendo sido estes,

“Sala Chinesa”.
Paço de Maiorca, Maiorca (Figueira da Foz).



EM MEMÓRIA DE CHARLES R. BOXER

IN MEMORY OF CHARLES R. BOXER



Pormenor. Paço de Maiorca, Maiorca (Figueira da Foz).

por sua vez, pregados à parede (causando, assim, furos irreparáveis). Na mesma ocasião, foram feitos repintes, em toda a extensão do papel, que lhe retiraram a graciosidade dos motivos e que transformaram as cores translúcidas em cores baças e inexpressivas; actuação agravada pela aplicação de verniz e de goma-laca.

5. Casa da Ínsua, Penalva do Castelo (Viseu)

Na Casa da Ínsua ou Solar dos Albuquerque, uma opulenta casa senhorial da Beira Alta, em Penalva do Castelo, a cerca de 25 quilómetros de Viseu, hoje transformada num hotel, existe o último dos conjuntos de papéis de parede chineses encontrados que, a exemplo dos da Francelha, se encontram *in situ*.

Mandada reconstruir cerca de 1780, por Luís de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres (1739-1797), é bem provável que os papéis tenham sido encomendados, nesta fase, por este fidalgo da Casa Real, com ligações ao Brasil, onde desempenhou o cargo de governador e capitão-geral do Estado de Mato Grosso, entre 1772 e 1788.⁵⁵

Vários painéis em papel de arroz, pintados à mão, decoram não apenas a totalidade das paredes, mas também o tecto da “Sala Chinesa”, cujo lambrim e painéis do tecto e das paredes são definidos por canas de bambu.

Mais uma vez, estamos perante a tipologia de árvores entrelaçadas floridas, flores e aves, mas com algumas diferenças em relação aos dois casos anteriores. A observação possível neste momento,⁵⁶ permite-nos perceber algumas variações nos motivos deste papel. Registem-se as árvores entrelaçadas em forma de coroas, vegetação, aves e insectos menos

abundantes e o aparecimento de peixes no tecto, símbolo de prosperidade. Ao nível das flores, repetem-se as peónias e flores de cerejeira, com a carga simbólica já aludida.

Este conjunto foi intervencionado há uns anos, aquando da transformação do solar em hotel.

NOTAS FINAIS

Como notas finais, importa salientar alguns pontos:

- Dos cinco conjuntos de papéis inventariados, apenas quatro sobreviveram, sendo estes representativos das tipologias de papéis figurativos e de papéis com árvores e outras plantas floridas, aves, insectos e rochas.

- Dois dos quatro conjuntos sobreviventes (Quinta da Francelha e Paço de Maiorca) reclamam intervenções urgentes.

- Apenas dois dos conjuntos analisados se encontram *in situ* (Quinta da Francelha e Casa da Ínsua).

- Um dos conjuntos encontra-se numa instituição especializada em Conservação e Restauro (Paço de Maiorca/Fundação Ricardo do Espírito Santo Silva), enquanto um segundo, depois de mais de duas décadas numa instituição, acaba de regressar ao seu local de origem (Paço Episcopal de Lamego/Instituto José de Figueiredo).

- Apesar do número reduzido de exemplares inventariados, mais terão existido seguramente, conforme indicia a participação portuguesa no comércio com a China no eixo Macau/Cantão, a presença constante de papéis pintados nas listas das cargas de navios da Carreira da Índia e nos inventários de bens por morte dos proprietários; e, por fim, o impacto que esta moda teve por toda a Europa.

Urge despertar a atenção para este património, aparentemente tão reduzido e simultaneamente tão vulnerável, que exige um estudo aprofundado, que passará pela inventariação de outros conjuntos, certamente esquecidos nos interiores de casas particulares em Portugal, e pela sensibilização para a necessidade da preservação e restauro deste fenómeno artístico tão peculiar.

O papel de parede constituiu, pois, uma das muitas mercadorias chinesas transportadas a bordo das naus da Carreira da Índia, ligação/viagem que perpassa toda a profícua obra de Charles Boxer. **RC**

“Sala Chinesa”. Casa da Ínsua, Penalva do Castelo (Viseu).



EM MEMÓRIA DE CHARLES R. BOXER

IN MEMORY OF CHARLES R. BOXER

NOTAS

- 1 Macau: Fundação Oriente-Museu e Centro de Estudos Marítimos de Macau, 1990 (*Fidalgos in the Far East, 1550-1770*, 2.^a ed., revista. Hong Kong: Oxford University Press, 1968).
- 2 Macau: Fundação Oriente e Museu e Centro de Estudos Marítimos de Macau, 1989 (edição original: *The Great Ship from Amacon: Annals of Macao and the Old Japan Trade, 1555-1640*. Lisboa: Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1963).
- 3 Haia: Martinus Nijhoff, 1967.
- 4 In *T'ien Hsia Montly*, April-May 1941, 39 p.
- 5 Separata do Centro de Estudos Históricos Ultramarinos e as Comemorações Henriquinas, 1961, pp. 33-82. Sobre o mesmo tema, refira-se ainda “The Carreira da Índia, 1650-1750”, in *The Mariner's Mirror*, Vol. 46, no. 1, Feb. 1960, pp. 35-54.
- 6 Cf. Noël Golvers, *Libraries of Western Learning for China. Circulation of Western Books between Europe and China in the Jesuit Mission (ca. 1650-ca. 1750)*, Vol. 2 - *Formation of Jesuit Libraries*, p. 103.
- 7 Macartney alude ainda à aplicação de papel, assim como de madrepérola, nas janelas das casas chinesas. Veja-se o seu diário J. L. Cranmer-Byng (ed.), *An Embassy to China, Being the Journal kept by Lord Macartney during His Embassy to the Emperor Ch'ien-lung, 1793-1794*, p. 303.
- 8 Gill Saunders, “Chinese Wallpapers and Chinoiserie Styles”, in *Wallpaper in Interior Decorations*, pp. 63-73.
- 9 Álvaro Semedo, *Imperio de la China y Cultura Evangelica en Él* (Madrid, 1642), p. 10. Esta obra foi largamente utilizada por Charles Boxer no seu artigo “Expedições militares portuguesas em auxílio dos Ming contra os Manchus, 1621-1647” (Macau: Escola Tipográfica Salesiana), pp. 1-23. Posteriormente este artigo foi publicado em *Estudos para a História de Macau. Séculos XVI a XVIII* (Obra Completa de Charles Ralph Boxer, Vol. I, Tomo I). Lisboa: Fundação Oriente, 1991, pp. 119-133).
- 10 Sobre a actividade comercial que tinha como um dos seus eixos estas feiras de Cantão, para os casos dos séculos XVI e XVII, vejam-se os estudos de Charles Boxer “Missionaries and Merchants of Macao, 1557-1687”. Separata das *Actas do III Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros*, Vol. II (Lisboa: [s.n.], 1960), pp. 210-224 e *The Great Ship from Amacon: Annals of Macao and The Old Japan Trade, 1555-1640*.
- 11 Na Grã-Bretanha, foi levado a cabo um projecto intitulado “East India Company at Home”, em cujo âmbito foi desenvolvida uma linha exclusivamente centrada no papel de parede chinês. Este projecto, de três anos, foi coordenado por Margot Finn, do Departamento de História da Universidade de Warwick. Daqui resultou a publicação da obra de Emile de Bruijn, Andrew Bush e Helen Clifford, *Chinese Wallpaper in National Trust Houses*.
- 12 Veja-se ainda, além do livro anterior, Gill Saunders, “Chinese Wallpapers and Chinoiserie Styles”, in *Wallpaper in Interior Decorations*.
- 13 Charles Boxer desenvolveu vários estudos sobre a Carreira da Índia e o Brasil. Vejam-se, os já citados, “The Carreira da Índia (Ships, Men, Cargoes, Voyages)” e “The Carreira da Índia, 1650-1750”. Veja-se ainda “The principal ports of call in the Carreira da Índia”, in *Luso-Brazilian Review*, Vol. 8, n.º 1 (Verão, 1971), pp. 3-29. Neste último artigo, Boxer chama a atenção para a importância dos portos brasileiros como escalas da Carreira da Índia, destacando de forma particular o da Baía, a partir de 1663. Do mesmo autor, refira-se *A Idade de Ouro do Brasil: Dores de crescimento de uma sociedade colonial* (São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1969; edição original: *The Golden Age of Brazil: Growing Pains of a Colonial Society, 1695-1750*.
- 14 Veja-se Ana Godinho Coelho Dotti de Carvalho, *A papeleira miniatura chinesa da Casa-Museu Dr. Anastácio Gonçalves e o comércio do século XVIII*, 2010 (Dissertação de mestrado em Arte, Património e Teoria do Restauro apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa).
- 15 AHU, Correspondência de Macau, caixa 6, doc. 17.
- 16 AHU, Correspondência de Macau, caixa 13, doc. 21.
- 17 AHU, Correspondência de Macau, caixa 14, doc. 8.
- 18 AHU, Correspondência de Macau, caixa 17, docs. 16 e 62.
- 19 Sobre os inventários *post-mortem* de bens, veja-se o artigo de Lina Marrafa de Oliveira, “Inventários post-mortem: documentos de vivências senhoriais”, in Marize Malta e Isabel M. G. Mendonça (orgs.), *Casas Senhoriais Rio-Lisboa e seus interiores*, pp. 203-211.
- 20 Inventário dos bens que ficaram de Alexandre Metelo de Sousa e Meneses (1766-1768), Direcção-Geral de Arquivos/Torre do Tombo [DGARQ/TT], *Orfanológicos*, letra A, Maço 121, n.º 1, caixa 206.
- 21 Avaliados em 1400 réis. *Ibid.*, fl. 76v.
- 22 Avaliadas em 2400 réis. *Ibid.*, fl. 78.
- 23 Avaliados em 400 réis. “Inventário que se faz dos bens que ficaram por falecimento de Joaquim da Costa Quintela, a requerimento de seu primo Agostinho Ignacio da Costa Quintela”, DGARQ/TT, *Orfanológicos*, letra J, Maço 248, n.º 6, fl. 31.
- 24 Acrescentando-se, ainda, terem “molduras pintadas de preto” e serem “avaliados em três mil réis”. DGARQ/TT, *Orfanológicos*, letra J, Maço 227, n.º 9, fls. 38-38v.
- 25 Nascido em Lisboa, tornou-se bacharel em leis por Coimbra, tendo sido cavaleiro da Ordem de Cristo e moço-fidalgo com moradia de fidalgo-cavaleiro. No decurso da sua carreira, desempenhou diversas funções, entre as quais a de provedor da comarca e conservador do Contrato do Tabaco de Torres Vedras, desembargador da Relação do Porto e Casa da Suplicação, visitador do ouro dos navios vindos da América, síndico do Senado e Corte (quando o seu irmão desistiu da posição), ajudante do intendente geral da polícia, para além do já mencionado de superintendente-geral dos contrabandos e descaminhos dos reais direitos. Cf. *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* (Lisboa/Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia Limitada, [s.d.], Vol. XXI (Penina-Pisoteio), p. 691.
- 26 “Autos do inventário dos bens que ficaram por falecimento do desembargador António Joaquim de Pina Manique continuado com a viúva sua mulher, D. Antónia Cláudia Rosa da Costa”, DGARQ/TT, *Orfanológicos*, letra A, Maço 120, n.º 1, fls. 67v-69v, 71v-72.
- 27 “Oito painéis da Xina em papel de figuras molduras pintadas de roxo e douradas avaliados todos em outro mil réiz” (fl. 68v); “Sinco painéis da Xina pintura de figuras em papel molduras douradas e pintadas de roxo avaliados todos em tres mil e duzentos réis” (fls. 69-69v); “Quatro painéis de pintura da China em papel con figuras, molduraz pintadas cor-de-pedra com filetes dourados avaliados em quatro mil réis” (fl. 71v).
- 28 “Tres painéis de papel da Xina pintados de flores e pasaros molduras douradas e pintadas de verde avaliados todos em mil e outocentos réiz” (fl. 68v).
- 29 No finais do século XVIII, o papel decorado chinês, devido ao seu elevado preço, já era imitado. Cf. Oliver Impey, *Chinoiserie. The Impact of Oriental Styles on Western Art and Decoration*, pp. 160-173. No caso de Portugal, a imitação dos motivos chineses e a pintura “de cousas da China” podem ser referenciadas não apenas para o século XVIII, mas ainda para o XVII. Com efeito, no primeiro quartel deste último século, Vítor Serrão apurou, num dos *Livros de Devassas do Arcebispado de Lisboa*, do ano de 1625, que nesta cidade exercia a actividade “Luís de Macedo, pintor de cousas da China morador na freguesia de São Pedro d’Alfama de idade de quarenta e cinco anos”. O mesmo autor informa ainda que outros pintores “de cousas da China” podem ser encontrados para os séculos indicados, alguns dos quais, acrescenta, especializados em papéis de parede, com decorações de inspiração chinesa. Vítor Serrão, “Entre a China e Portugal: temas e outros fenómenos de miscigenação artística, um programa necessário de estudos”, in *Actas do Colóquio Património Cultural Chinês em Portugal*, CCCM-FRESS-IHA/FLUL, 21-23 de Janeiro de 2013 (artigo ainda não publicado).
- 30 No The Cooper Hewith, National Design Museum Smithsonian Institution encontra-se a maior colecção de papel de parede dos Estados Unidos da América.
- 31 A que nos reportamos por ser o que melhor se conhece.
- 32 O imaginário da paisagem panorâmica parece ter sido parcialmente derivado da tradição chinesa de rolos de paisagens, tais como o intitulado “Próspera Suzhou” (*Gusu fanhua tu* 姑苏繁华图), de Xu Yang 徐扬 (1759), Museu Provincial de Liaoning, um pintor da corte do imperador Qianlong.
- 33 No caso inglês, representa cerca de 15% do total de papel.
- 34 No caso inglês, do papel identificado, cerca de 60% é desta tipologia.
- 35 Cf. Gill Saunders, “Chinese Wallpapers and Chinoiserie Styles”, in *Wallpaper in Interior Decorations*, p. 69.
- 36 Cf. José Meco, “Artes Decorativas no Palácio do Marquês de Pombal”, in *Oeiras – Encontros de História e Património (I). Diálogos em Noites de Verão 2006-2007*, pp. 167-185; idem, “O recheio desaparecido do palácio do Marquês de Pombal, em Oeiras”, in Marize Malta e Isabel M. G. Mendonça (orgs.), *Casas Senhoriais Rio-Lisboa e seus interiores*, pp. 105-125.
- 37 Cf. Francisco Ildefonso dos Santos, *Memorial Histórico ou Colecção de Memórias sobre Oeiras. Desde seu principio, como Lugar e Cabeça de Julgado, e depois Vila. Com o titulo de Condado e Cabeça de Concelho*, 1.º Vol., p. 165.
- 38 José Meco, “O recheio desaparecido do palácio do Marquês de Pombal, em Oeiras”, p. 107.
- 39 Anos em que a família real passou o verão no palácio, para permitir ao rei D. José I frequentar as águas termais do Estoril.
- 40 As suas dimensões são de cerca de 1,95 metros por 0,80 metros.
- 41 Ao regressarem ao Museu foi com estes painéis que se inaugurou o ciclo de actividades “Museu em Imagens”, neste caso intitulado “O papel de parede chinês do Museu de Lamego” (5, 20 e 21 Junho de 2014).
- 42 BNP, Secção de Reservados, Cód. 13469.
- 43 DGARQ/TT, *Bispado de Lamego*, Livros 9, 10, 11, 13, 14, 20, 29, 34, 35, 59, 74, 90, 210 e *Bispado de Lamego, Correspondência*, Maço 11, caixa 38 (1737-1747); Maço 12, caixa 38 (1750-1772); Maço 13, caixa 38 (1773-1779); Maço 14, caixa 38 (1780-1789) e Maço 15, caixa 39 (1790-1879).
- 44 Este conjunto foi objecto de estudos realizados no âmbito da Conservação e Restauro e da Física Atómica, respectivamente, por Rita Castro Oliveira, *A conservation study of an eighteenth-century Chinese wallpaper*, 2009 (Dissertação de mestrado em Conservação e Restauro de Documentos Gráficos apresentada à Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa); e Sofia Pessanha *et al.*, “X-ray Fluorescence study on ancient painted wallpaper: approach of artwork dating”, 10th Rio Symposium on Atomic Spectrometry, Salvador, Baía: Setembro, 2008 e idem, “Study of a XVIII century hand-painted Chinese wallpaper by multianalytical non-destructive techniques”, in *Spectrochimica Acta Part B*, Vol. 64, n.º 6, 2009.
- 45 Tem uma área de cerca de 9 metros quadrados e com um pé direito de 3,30 metros.
- 46 A primeira recua ao século XVII.
- 47 De dimensões aproximadas de 3,30 metros de altura por 1,20 metros de largura.
- 48 Alguns dos pigmentos presentes neste papel, tal como a malaquite, já não eram utilizados no século XIX.
- 49 Sofia Pessanha *et al.*, “X-ray Fluorescence study on ancient painted wallpaper ...”; Idem, “Study of a XVIII century hand-painted Chinese wallpaper by multianalytical non-destructive techniques”.
- 50 Nascido, em data incerta, na Quinta dos Minotes (freguesia de Fermentões), em Guimarães, faleceu em Lisboa. Veja-se Maria Adelaide Pereira de Moraes e Helena Cardoso de Macedo e Menezes, “Genealogias Vimaraneses”, in *Armas e Troféus*.
- 51 Era proprietário dos três navios: *Aliança, Eneias e São Gualter*.
- 52 Sobre a importância da Baía como porto de escala da Carreira da Índia, além do já citado artigo de Charles Boxer “The principal ports of call in the Carreira da Índia”, veja-se igualmente José Roberto do Amaral Lapa, “A Bahia e a Carreira da Índia”, in *Brasileira*, Vol. 338, pp. 253-299.
- 53 Na Direcção Geral de Arquivos/Torre do Tombo, no Fundo dos *Feitos Findos*, encontra-se um conjunto de vinte processos em que este comerciante esteve envolvido e que atestam os negócios e a sua riqueza. DGARQ/TT, *Juízo da Índia e Mina*, Maço 27, n.º 14 a 21, caixa 27; Maço 28, n.º 1 a 8, caixa 28; Maço 91, n.º 4, caixa 91; Maço 9, n.º 1, caixa 133; Maço 18, n.º 23, caixa 142 e Maço 27, n.º 9, caixa 151. Veja-se ainda DGARQ/TT, *Feitos Findos, Juízo dos Falidos*, Maço 7, n.º 9.
- 54 Essa ideia de harmonia conjugal é reafirmada pela pega, considerada pelos chineses o pássaro da alegria, um símbolo capaz de atrair a felicidade, que está associada ao casamento e à procriação.
- 55 Celina Bastos e Anísio Franco, “Para uma memória futura: interiores autênticos em Portugal”, in Marize Malta e Isabel M. G. Mendonça (orgs.), *Casas Senhoriais Rio-Lisboa e seus interiores*, pp. 76-77; João Carlos Garcia (coord.), *A Mais Dilatada Vista do Mundo. Inventário da Colecção Cartográfica da Casa da Insua*.
- 56 Trata-se do único conjunto que ainda não tivemos oportunidade de observar directamente, já que se aguarda autorização para o fazer ou o envio de fotografias com a resolução necessária à sua descrição iconográfica. Apenas tivemos acesso a duas fotografias *online*, com pouca qualidade, a que se juntou o apoio de uma funcionária do hotel, que fez uma descrição sumária do papel.

BIBLIOGRAFIA

FONTES MANUSCRITAS E IMPRESSAS

Arquivo Histórico Ultramarino (AHU)

Correspondência de Macau, caixa 6, doc. 17; caixa 13, doc. 21; caixa 14, doc. 8; caixa 17, docs. 16 e 62.

Biblioteca Nacional de Portugal (BNP)

Secção de Reservados, Cód. 13469

Direcção-Geral de Arquivos/Torre do Tombo (DGARQ/TT)

Bispado de Lamego: Livros 9, 10, 11, 13, 14, 20, 29, 34, 35, 59, 74, 90, 210; Correspondência, Maço 11, caixa 38 (1737-1747); Maço 12, caixa 38 (1750-1772); Maço 13, caixa 38 (1773-1779); Maço 14, caixa 38 (1780-1789) e Maço 15, caixa 39 (1790-1879).

Feitos Findos, Juízo dos Falidos, Maço 7, n.º 9.

Juízo da Índia e Mina, Maço 27, n.º 14 a 21, caixa 27; Maço 28, n.º 1 a 8, caixa 28; Maço 91, n.º 4, caixa 91; Maço 9, n.º 1, caixa 133; Maço 18, n.º 23, caixa 142 e Maço 27, n.º 9, caixa 151.

Orfanológicos, letra A, Maço 120, n.º 1, Maço 121, n.º 1, caixa 206; letra J, Maço 227, n.º 9, Maço 248, n.º 6.

Cranmer-Byng, J. L. (ed.). *An Embassy to China, Being the Journal kept by Lord Macartney during His Embassy to the Emperor Ch'ien-lung, 1793-1794*. Londres: Longmans, 1962.

Santos, Francisco Ildefonso dos. *Memorial Histórico ou Coleção de Memórias sobre Oeiras. Desde seu principio, como Lugar e Cabeça de Julgado, e depois vila. Com o título de Condado e Cabeça de Concelho*. Oeiras: Edição da Câmara Municipal de Oeiras, 1.º Vol., 1982.

Semedo, Álvaro. *Imperio de la China y Cultura Evangelica en Él*. Madrid: 1642.

ESTUDOS

Boxer, Charles R. "Missionaries and Merchants of Macao, 1557-1687". Sep. das *Actas do III Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros*, Vol. II. Lisboa: [s.n.], 1960, pp. 210-224.

—. "The Carreira da Índia, 1650-1750". Reprinted from *The Mariner's Mirror*, Vol. 46, no. 1, Feb. 1960, pp. 35-54.

—. "The Carreira da Índia (Ships, Men, Cargoes, Voyages)". Sep. de Centro de Estudos Históricos Ultramarinos e as Comemorações Henriquinas, 1961, pp. 33-82.

—. *The Golden Age of Brazil, 1695/1750: Growing Pains of a Colonial Society*. Berkeley e Los Angeles: University of California Press, 1962.

—. *The Great Ship from Amacon: Annals of Macao and the Old Japan Trade, 1555-1640*. Lisboa: Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1963.

—. "The principal ports of call in the Carreira da Índia". *Luso-Brazilian Review*, Vol. 8, n.º 1 (Verão, 1971), pp. 3-29.

—. "Expedições militares portuguesas em auxílio dos Ming contra os Manchus, 1621-1647". Macau: Escola Tipográfica Salesiana, pp. 1-23.

Bruijn, Emile de, Bush, Andrew & Clifford, Helen. *Chinese Wallpaper in National Trust Houses*. Newcastle: National Trust, 2014.

Carvalho, Ana Godinho Coelho Dotti de. *A papeleira miniatura chinesa da Casa-Museu Dr. Anastácio Gonçalves e o comércio do século XVIII*, 2010. Dissertação de mestrado em Arte, Património e Teoria do Restauro apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Garcia, João Carlos (coord.). *A Mais Dilatada Vista do Mundo. Inventário da Coleção Cartográfica da Casa da Ínsua*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemoração dos Descobrimentos Portugueses, 2002.

Golvers, Noël. *Libraries of Western Learning for China. Circulation of Western Books between Europe and China in the Jesuit Mission (ca. 1650-ca. 1750)*, Vol. 2 – *Formation of Jesuit Libraries*, Lovaina: Ferdinand Verbiest Institute, 2013.

Gomes, Cristina Costa & Pina, Isabel Murta. "Papéis da China", in *Actas do Colóquio Património Cultural Chinês em Portugal*, CCCM-ESAD/FRESS-IHA/FLUL, 21-23 de Janeiro de 2013 (artigo ainda não publicado).

Impey, Oliver. *Chinoiserie. The Impact of Oriental Styles on Western Art and Decoration*. Londres: Oxford University Press, 1977.

Lapa, José Roberto do Amaral. "A Bahia e a Carreira da Índia", in *Brasiliiana*, Vol. 338, pp. 253-299.

Malta, Marize & Mendonça, Isabel M. G. (orgs.). *Casas Senhoriais Rio-Lisboa e seus interiores*. Rio de Janeiro/Lisboa: EBA-UFRJ e IHA-FCSH-UNL & CEAD-ESAD-FRESS, 2013-2014.

Meco, José. "Artes Decorativas no Palácio do Marquês de Pombal", in Joaquim M. F. Boiça (coord.), *Oeiras – Encontros de História e Património (I). Diálogos em Noites de Verão 2006-2007*. Oeiras: Espaço e Memória – Associação Cultural de Oeiras/Junta de Freguesia de Oeiras e S. Julião da Barra, 2007, pp. 167-185.

Moraes, Maria Adelaide Pereira de & Menezes, Helena Cardoso de Macedo e. "Genealogias Vimaraneses", in *Armas e Troféus*. Braga: Tip. Liv. Cruz, 1967.

Oliveira, Rita Castro. *A conservation study of an eighteenth-century Chinese wallpaper*, 2009. Dissertação de mestrado em Conservação e Restauro de Documentos Gráficos apresentada na Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa.

Pessanha, Sofia et al. "X-ray Fluorescence study on ancient painted wallpaper: approach of artwork dating", 10th Rio Symposium on Atomic Spectrometry, Salvador, Baía, Setembro, 2008.

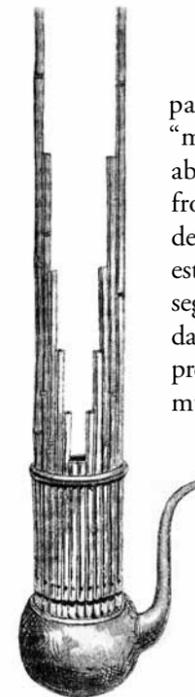
—. "Study of a XVIII century hand-painted Chinese wallpaper by multianalytical non-destructive techniques", in *Spectrochimica Acta Part B*, Vol. 64, n.º 6, 2009.

Saunders, Gill. "Chinese Wallpapers and Chinoiserie Styles", in *Wallpaper in Interior Decorations*. Londres: V&A Publications, 2002.

Serrão, Vítor. "Entre a China e Portugal: temas e outros fenómenos de miscigenação artística, um programa necessário de estudos", in *Actas do Colóquio Património Cultural Chinês em Portugal*, CCCM-FRESS-IHA/FLUL, 21-23 de Janeiro de 2013 (artigo ainda não publicado).

Arte Musical na China Arcaica
À Guisa de Contexto

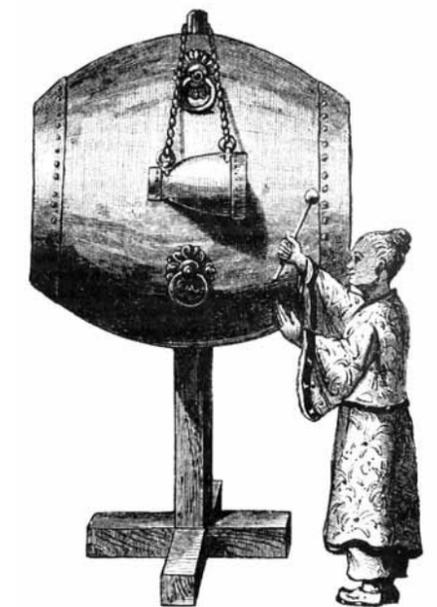
GIORGIO SINEDINO*



O facto de podermos empregar a palavra “música” para denominar um “mesmo” tipo de “arte” ou “ciência”, absolutamente coerente além e aquém fronteiras temporais e culturais, precisa de qualificações claras.¹ Sem essas reservas, estaremos sob o jugo do feliz preconceito segundo o qual a música é a mais universal das linguagens. Aqui há mais do que um problema técnico, de interesse exclusivo dos músicos, pois qualquer pessoa interessada na peculiaridade de uma experiência cultural deve estar atenta para que as diferenças que nos separam sejam ao menos tão importantes quanto o que nos une. Por conseguinte, ao falarmos de arte musical na China arcaica, devemos estar atentos a duas séries de questões: em primeiro lugar,

* Mestre em História das Ideias pelo Departamento de Filosofia e Religião da Universidade de Pequim, prepara o doutoramento em História da Religião Chinesa na Academia de Filosofia da Universidade Renmin da China. Traduziu e comentou clássicos chineses para a Editora da Universidade Estadual Paulista.

M.A. in History of Chinese Ideas, Peking University (Department of Philosophy); Ph.D. candidate in History of Chinese Religion, Renmin University (Academy of Philosophy). He has translated and commented the Analects (2012) and Laozi's Dao De Jing (to be published in 2015), all published by the Universidade Estadual Paulista Press (Brazil).



às qualificações exigidas por estarmos a tratar de uma cultura peculiar, a chinesa; em segundo lugar, às especificidades acrescidas pelo adjectivo “arcaica”.

Numa perspectiva estritamente formal, o termo “música”² possuía uma acepção mais abrangente na China arcaica do que nos tempos actuais: qualquer tipo de *performance* onde houvesse uma melodia, directa ou indirectamente, podia ser vista como tal. Isto implica que canto e poesia, música instrumental e dança estavam interligados numa mesma categoria.³ Contudo, numa perspectiva material, o termo “música” tinha um sentido mais restrito do que hoje em dia: para a antiga ortodoxia chinesa, nem toda a *performance* musical mereceria ser chamada de Música. Além de uma apreciação puramente “técnica” das qualidades da execução de uma peça musical em particular, havia ainda uma série de outras exigências. Logo, a definição do que é ou não Música dependia de um juízo mais amplo, que agregava critérios estéticos, sociais e institucionais.

Como poderemos constatar nas traduções dos *Apontamentos sobre Música* (*Yueji* 樂記) a seguir, essas três ordens de critérios unem-se numa única **tradição crítica**. Havia, de facto, exigências formais ou “técnicas” que prescreviam afinações, escalas, instrumentos musicais, coreografias, composições e temáticas, em detrimento de outras possibilidades.⁴ Essas preferências, todavia, revelavam um conjunto de exigências de fundo, de natureza axiológica, sobre a